

Internacional

estádio.com.br

Vídeo. Impasse na situação militar da Líbia
tv.estádio.com.br

Sem favoritos. Segundo pesquisas, nacionalista Ollanta Humala leva pequena vantagem; ex-presidente Alejandro Toledo, deputada Keiko Fujimori e ex-ministro Pedro Pablo Kuczynski brigam voto a voto na corrida presidencial mais renhida da história do país

Em eleição indefinida, 4 candidatos lutam para disputar 2º turno no Peru

Renata Miranda
ENVIADA ESPECIAL / LIMA

Mais de 19 milhões de peruanos vão às urnas hoje para decidir uma das eleições presidenciais mais concorridas da história do país e renovar os 130 assentos do Parlamento. Quatro dos dez candidatos têm chances de passar para o segundo turno.

O nacionalista Ollanta Humala lidera as pesquisas de intenção de voto. A congressista Keiko Fujimori, o ex-presidente Alejandro Toledo e o ex-ministro Pedro Pablo Kuczynski estão virtualmente empatados em segundo lugar.

Em uma apertada disputa como esta, os eleitores indecisos ganharam um peso importante e podem ajudar a definir o cenário para a próxima etapa eleitoral. Cerca de 10% dos peruanos ainda não escolheram um candidato. É o caso do vendedor desempregado Juan García. "Não tenho nem ideia em quem votar, talvez deixe para decidir na última hora, na cabine de votação", disse García.

Outra parcela da população que também pode ter bastante influência no resultado final são os 20% de eleitores que já têm um candidato, mas ainda podem mudar de opinião.

Humala, que começou a corrida em baixa e em menos de um mês duplicou suas chances, lidera as pesquisas com 28% das intenções de voto, de acordo com a empresa Ipsos-Apoyo. Segundo o analista político Eduardo Ballón, do Centro de Estudos e Promoção do Desenvolvimento (Desco), o tipo de disputa entre os candidatos favoreceu o nacionalista. "Os outros candi-



Reta final. Multidão de partidários do candidato nacionalista Ollanta Humala durante comício na capital Lima

datos têm plataformas de governo semelhantes e, em vez de atacar Humala, brigaram entre eles", explicou Ballón. "Humala aproveitou esse vácuo para se destacar dos outros."

Ele afirma ainda que o discurso de inclusão social ajudou o candidato a atrair mais simpatizantes. "O crescimento econômico do país não beneficiou todos os setores da população e os excluídos veem em Humala um candidato que pode ajudar a distribuir melhor a riqueza."

A analista política Jacqueline

Fowks, professora da Universidade Católica, lembra que Humala foi o único candidato que soube explorar bem o tema do combate à corrupção, considerado pelos peruanos como um dos principais problemas do governo. "Humala chegou até a prometer que investigaria as denúncias contra o presidente Alan García", disse Jacqueline.

A rejeição a Humala, no entanto, é forte. O escritor e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura Mario Vargas Llosa chamou um eventual segundo tur-

no entre o nacionalista e Keiko Fujimori de uma escolha entre "o câncer e a aids". Na reta final, Llosa aderiu à candidatura de Toledo.

Um dos problemas na votação deve ser a demora na divulgação dos resultados. Em 2006, as autoridades eleitorais demoraram quase um mês para anunciar quem iria ao segundo turno. Este ano, a Oficina Nacional de Procesos Electorales (ONPE) estima publicar as primeiras parciais a partir das 20 horas locais (22 horas de Brasília).

CANDIDATOS

● **Alejandro Toledo**
Economista e presidente do Peru de 2001 a 2006, terminou a gestão com 8% de aprovação

● **Ollanta Humala**
Populista, foi derrotado nas eleições de 2006 causa da ligação com Hugo Chávez

● **Luis Castañeda**
Fundador do partido Solidarieda-

de Nacional e ex-prefeito de Lima (2003-2010).

● **Pedro Pablo Kuczynski**
Foi ministro da economia e é criticado por também ter cidadania americana

● **Keiko Fujimori**
Filha do ex-presidente Alberto Fujimori, é considerada herdeira política do pai

Êxito econômico fica longe dos mais pobres

Partido de García deve ser punido nas urnas por falhar em transmitir o clima da bonança estatal para a população peruana

LIMA

O principal desafio do próximo governo peruano será manter o ritmo do acelerado crescimento da economia que faz do país um dos mais prósperos da região latino-americana. O chamado "novo modelo econômico" do Peru é considerado um sucesso por especialistas do setor e faz com que o Produto Interno Bruto (PIB) aumente mais de 5% ao ano. O próximo presidente, porém, terá de contornar a principal falha do atual governo, que não conseguiu transmitir a bonança econômica para grande parte da população.

Os indicadores peruanos impressionam. Apesar da recessão mundial, a receita efetiva per capita é 49% maior hoje do que era em 2000. O coeficiente de investimento aumentou de 20%, no começo da década passada, para 27,5% em 2010. A parcela de peruanos vivendo abaixo da linha da pobreza caiu de 49%, em 2004, para 35%, em 2009. Fora isso, nos últimos dez anos, o Peru firmou quatro acordos de complementação econômica e nove tratados de livre comércio.

O êxito econômico do país tem como base a "combinação

de boas políticas e sorte", segundo relatório do Banco Mundial divulgado no fim do mês passado.

O fator sorte vem do aumento do preço de metais no mercado mundial – o país é o maior produtor de prata no mundo, além de também ser rico em cobre, zinco e ouro. As boas políticas, que abriram quase totalmente o mercado do país ao capital externo, vêm sendo adotadas desde o começo da década de 90, quando o presidente Alberto Fujimori assumiu o poder.

Entre as medidas implementadas estão a queda de boa parte das barreiras fiscais para a entrada de investimento estrangeiro; a busca pela estabilidade dos preços; e o controle de uma das mais ferozes das hiperinflações que dilapidaram a economia de quase todos os países da região entre os anos 80 e 90. Em 1990, a inflação

peruana chegava a 7.481% – uma situação que implicava a duplicação de preços em menos de 24 horas.

"Os altos índices de inflação só foram controlados depois que o governo implementou um programa rigoroso de fiscalização econômica que ajudou a estabilizar a economia", afirmou o economista Gianfranco Castagnola, da consultoria Apoyo. "A partir da década de 90, a presença de reguladores do Estado se reduziu, tratados de livre comércio foram assinados e a economia se voltou para a exportação, consolidando a base para o crescimento significativo da economia que verificamos atualmente."

A melhora da economia influenciou também na transição de classes da sociedade peruana. Nos últimos cinco anos, 3,5 milhões de pessoas que antes esta-

CRESCIMENTO PERUANO

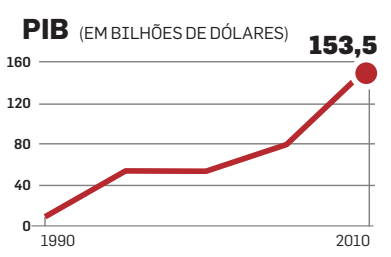
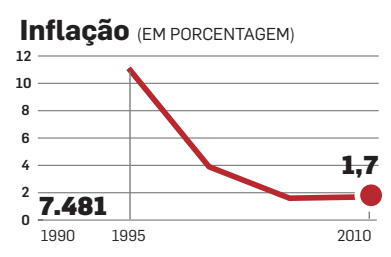


Ficha técnica

Área	1.285.216 km ²
População	29.248.943
População abaixo da linha de pobreza	34,8%
Desemprego	7,9%
Exportações em 2010	US\$ 33,7 bilhões
Importações em 2010	US\$ 25,7 bilhões

FONTES: FMI, BANCO MUNDIAL, CIA WORLD FACTBOOK

vam na pobreza passaram a fazer parte da classe média do país. "Esse novo setor emergente tem ho-



je uma alta capacidade de consumo", explicou Castagnola.

Embora a pobreza tenha dimi-

nuído, ainda há muito a ser feito. A falta de investimento do Estado em programas sociais é um dos grandes motivos da impopularidade do presidente Alan García que, com 26% de aprovação, não conseguiu fazer um sucessor e deixou seu Partido Aprista Peruano com chances remotas de triunfo na votação de hoje.

Programas sociais, aliás, que forjaram a base do governo de Fujimori entre 1990 e 2000. Embora alvo de críticas em razão de suspeitas de corrupção e supostas violações de direitos humanos, a administração fujimorista investiu centenas de milhões de dólares em atividades de inclusão social, criando cooperativas que iam da confecção de artesanato à atividade pesqueira e eram geridas – sob supervisão oficial – por membros das comunidades mais pobres do país. "Os benefícios do crescimento de hoje não chegaram a todos", afirmou o analista Miguel Palomino, do Instituto Peruano de Economia. "O próximo ocupante do Palácio de Pizarro terá de melhorar a capacidade de gestão do Estado, que tem recursos, mas opera mal porque não sabe como empregar o dinheiro público." / R.M.

* **Cenário: Renata Miranda**

Humala é visto por investidores como uma opção arriscada

A possível vitória do nacionalista Ollanta Humala no primeiro turno de hoje é vista com cautela pelo mercado internacional. O candidato da coalizão Gana Perú é o primeiro colocado nas pesquisas de intenção de voto e moderou seu discurso em rela-

ção à campanha de 2006 – quando recebeu abertamente o apoio do presidente venezuelano, Hugo Chávez. Mas, mesmo assim, Humala ainda é visto por investidores estrangeiros como uma opção arriscada.

Na última semana de março, quando o candidato começou a subir nas pesquisas, a Bolsa de Valores de Lima fechou com uma queda de mais de 5% – a maior desde junho de 2009 – e o sol, a moeda peruana, teve sua menor cotação em mais de três meses. Na mesma época, a agência Moody's disse que poderia subir a qualificação de crédito do Peru dentro de 6 a 12 meses dependendo do resultado das eleições.

Durante a campanha, Humala tentou acalmar o mercado e investidores externos, afirmando

que, se eleito, respeitará os contratos já assinados pelo governo e a autonomia do Banco Central. Mas analistas desconfiam das reais intenções do nacionalista. "O problema é que temos dois Humalas: um que mostra ser moderado e próximo ao ex-presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva; e outro que tem planos de governo semelhantes aos líderes do 'socialismo bolivariano', como Chávez", afirmou o economista peruano Gianfranco Castagnola.

O plano de governo de Humala prevê a ampliação de empresas públicas, a nacionalização das atividades energéticas e ainda uma nova Constituição para o Peru. "Tudo isso pode afugentar investidores externos e comprometer o crescimento da economia", ressaltou Castagnola.

● **Congresso**
Se a eleição presidencial está indefinida, pesquisas dão como certa a fragmentação do Congresso. Como ninguém terá maioria, o próximo presidente será obrigado a formar alianças para governar.